

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

THAISE JESUS CÂMARA

**FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO VIVIDO: A CIDADE A PARTIR DO OLHAR DO
(A) ALUNO (A)**

PORTO ALEGRE

2021

THAISE JESUS CÂMARA

**FOTOGRAFIAS DO ESPAÇO VIVIDO: A CIDADE A PARTIR DO OLHAR DO
(A) ALUNO (A)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia. Orientada pela professora Roselane Zordan Costella

PORTO ALEGRE

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho, primeiramente, a todas e todos que ainda acreditam na educação. Vocês me fazem caminhar.

Agradeço à minha vó, por tanto ter me ensinado sobre cuidado. Obrigada por me mostrar como colher amor das árvores de frutas do pátio. Te levo pra sempre comigo. À minha mãe, pelo afeto e sensibilidade que me passou. Existe muito de você em mim. Obrigada pelo apoio por tudo que eu escolhi na vida e pela confiança que sempre depositou em mim! Ao meu irmão, por tudo que me ensinou sobre o mundo.

À Hillary, por permanecer tão presente desde o tempo que usávamos papelão pra escorregar o morro na frente da casa da vó. À Rafa, por ser uma amiga incrivelmente incrível, em todos os sentidos (menos quando come doce escondido). Ao Iuri, pelas conversas sobre o quão errado e injusto é o capitalismo e, claro, pelos passeios de bicicleta. Will, obrigada por inspirar! Sim, o teu pessimismo me inspira muito. É bom saber que não andamos só. Gu, obrigada pelos livros e pelas referências musicais. Laisa, obrigada pelas conversas e bolos compartilhados. Ao Henrique, pela amizade, pelo carinho e por sempre me explicar quem eram aqueles autores de nomes difíceis que falávamos no Grupo de Pesquisa. Juju, obrigada pela amizade e por fazer meus dias de trabalho mais divertidos e, claro, pela ajuda na revisão deste trabalho. Lili, obrigada por encher meus dias de fofura!

À Roselane, por representar o que me faz caminhar: esperança. Obrigada pela sensibilidade e por acreditar tanto em nossa formação docente. Eu levo muito de você em mim.

Ao MAB - Movimento dos Atingidos por Barragem- que entraram na minha vida e me trouxeram esperança novamente. Obrigada por me mostrar que a organização popular é um caminho de resultados. Estar com vocês torna o combate das injustiças sociais menos doloroso.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e ao que ela representa: ensino PÚBLICO e de qualidade. Que continuemos lutando para que ela proporcione o que até então era irreal para muitas camadas da população: o direito

à educação. Desejo que a Universidade nunca se esqueça que o trabalho social está muito mais ligado à base do que ao conhecido “ensino superior”.

A todos que passaram pela minha vida, vocês construíram a Thaise de agora.

Obrigada!

Esse trabalho foi escrito no meio da Pandemia do COVID-19. Até o presente momento morreram mais de 400 mil pessoas no Brasil. Quase 25 mil no Estado do Rio Grande do Sul e mais de 4 mil em Porto Alegre.

Para que não nos esqueçamos:

Da quantidade de pessoas que um governo negacionista é capaz de matar.

Do egoísmo que faz as pessoas contaminarem outras por pura irresponsabilidade social.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propiciar uma leitura do espaço e das relações existentes na cidade a partir do lugar do(a) aluno(a) por meio da fotografia. Busca-se compreender a importância do lugar, refletir sobre as invisibilidades da cidade e utilizar a linguagem fotográfica para proporcionar a leitura do espaço. A metodologia de cunho qualitativo utilizada se deu a partir da reflexão de três questões propostas para discussão com os(as) alunos(as) em sala de aula, buscando entender o olhar que o(a) estudante possui do lugar em que vive, se entendendo e compreendendo o outro como cidadão por meio da fotografia. Como principais resultados da pesquisa, constata-se que por meio da fotografia, criada pelos(as) alunos(as), eles(as) terão a possibilidade de observar e refletir sobre o seu lugar. Além de exercitar a leitura e compreensão de paisagens, pensando sobre as relações que ali existem.

Palavras chave: Geografia – Aprendizagem – Fotografia – Lugar – Aluno(a).

ABSTRACT

This study aims to provide a reading of the space and the relations that exist in the city from the student's perspective through photography. It pursues to understand the importance of the place, to reflect about city's invisibilities and make use of photographic language to enable the reading of the space. The qualitative methodology was chosen based on the consideration of three questions that were proposed for discussion with students in the classroom, aiming to understand the student's view of the place where they live, perceiving and understanding others as citizens through photography. The main results of the research demonstrate that it is possible for students to observe and reflect on their place through the photography created by themselves. In addition, they can exercise the reading and understanding of landscapes, and reflect on the relations that exist there.

Keywords: Geography - Learning - Photography - Place - Student.

RESUMEN

La presente investigación tiene el objetivo de proporcionar una lectura del espacio y relaciones existentes en la ciudad a través de la fotografía desde la perspectiva del estudiante. Se busca comprender la importancia del lugar, reflexionar acerca de las invisibilidades de la ciudad y utilizar el lenguaje fotográfico para proveer la lectura del espacio. La metodología cualitativa se eligió a partir de la consideración de tres preguntas que se propusieron para la discusión con los estudiantes en el aula, con el objetivo de comprender la visión del estudiante sobre el lugar donde vive, percibiendo y comprendiendo a los demás como ciudadanos a través de la fotografía. Los principales resultados de la investigación demuestran que es posible que los estudiantes observen y reflexionen sobre su lugar a través de la fotografía creada por ellos mismos. Además de ejercitar la lectura y la comprensión de paisajes, pensar en las relaciones que allí existen.

Palabras clave: Geografía - Aprendizaje - Fotografía - Lugar - Estudiante.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O LUGAR POR MEIO DA FOTOGRAFIA	13
3. A CIDADE QUE (NÃO) VEJO	17
4. AS INVISIBILIDADES DA CIDADE- LENTES NECESSÁRIAS	21
4.1 QUEM SOU NA CIDADE?	21
4.2 QUEM FAZ A CIDADE?	24
4.3. PARA QUEM A CIDADE É FEITA?	26
5. CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
5.1 ANTES DO ATO FOTOGRÁFICO	29
5.2 O ATO FOTOGRÁFICO	30
5.3 O PÓS ATO FOTOGRÁFICO	31
5.3.1 ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS	31
5.3.2 DISCUSSÃO DAS FOTOGRAFIAS	31
5.3.3 FORMAÇÃO DOS GRUPOS	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho origina-se de uma pesquisa realizada com alunos(as) da Educação Básica para certificar a conclusão do curso de Licenciatura em Geografia. A ideia é propor uma discussão sobre a fotografia e o ensino da Geografia. A utilização de linguagens para construir o conhecimento nas diferentes áreas está cada vez mais presente no cotidiano das escolas. Os/as alunos/as vivenciam cotidianamente desafios em relação ao uso da fotografia em diferentes planos de suas vidas. A inserção desta linguagem no ensino é usual, porém como fazer e por que fazer uso dela deve ser refletido a partir da teoria e da ação junto aos/as alunos/as. Esta reflexão é o legado que pretende-se abordar na narrativa textual aqui apresentada.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental, nos anos finais do Ensino Fundamental é preciso que os(as) alunos(as) compreendam “a transformação do espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder”.

A Área de Ciências Humanas traz como competência específica, segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 357), “Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.” Ainda, nas Competências Específicas, a BNCC ressalta a importância de “Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas [...] promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.”

No 6º ano a Base (2017, p. 381) aborda a “necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a escala da interferência humana no planeta.” Já no 8º ano, a BNCC (2017, p. 383) explica, “considera-se que os estudantes precisam conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios, tendo como referência diferentes contextos sociais, geopolíticos e ambientais, por meio de conceitos como classe social, modo de vida, paisagem e elementos físicos naturais”. Ainda no 8º ano, a BNCC (2017, p. 391) traz como habilidade “Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas [...] e Analisar a segregação socioespacial em ambientes

urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.

Assim sendo, o presente trabalho pode ser aplicado tanto no 6º ano, tratando dos diferentes e desiguais usos do espaço, quanto no 8º ano, analisando as problemáticas comuns às grandes cidades, bem como a segregação socioespacial em ambientes urbanos.

Desta forma, cabe à Geografia formar estudantes preparados para pensar a cidade como um ambiente coletivo. Por conseguinte, proporcionar uma educação para os(as) alunos(as) compreenderem que estão inseridos(as) no processo de produção do lugar em que vivem e que podem atuar buscando melhorias sociais. Uma educação para que eles reivindiquem espaços, se entendendo enquanto sujeitos ativos da cidade.

Neste sentido, Castellar (2019, p. 10) explica:

[...] estudar Geografia deve ser um movimento de colocar-nos diante do mundo, com um olhar que nos permite compreender a dinâmica dos lugares, suas paisagens, seus territórios, sua configuração territorial, seus sistemas locacionais etc. O estudo da Geografia, portanto, permite-nos compreendê-las a partir das relações sociais de produção, das ocupações e, por meio da leitura dos lugares, interpretar as espacialidades da organização do espaço geográfico. Isso significa potencializar um olhar diferente para as coisas, um olhar geográfico [...]

Para abordarmos esse assunto, o(a) aluno(a) precisa sentir-se parte dessa cidade, ou seja, precisa compreender a sua importância. É fundamental partirmos do lugar em que ele vive para que assim ele possa identificar que as relações que ali ocorrem fazem parte da sua vida. Este trabalho tratará do lugar cidade, mas independente do lugar tratado aqui, sempre devemos começar pelo(a) aluno(a), onde ele(a) vive e o seu contexto social.

Inicialmente, precisamos dar voz a eles(as), para que assim construam a própria história. Precisam saber do valor que suas representações carregam, não deixando com que outras pessoas a façam por eles(as), ou seja, a autonomia, o empoderamento e a capacidade de construir um discurso próprio. Como nos fala Freire (2002, pg. 6), “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.”

Quantas vezes já fomos apresentados a diversas histórias carregadas de significados sociais de somente um lado da história? Quantas vezes vimos grandes tragédias serem representadas em uma foto ou notícia sem nenhum relato dos que a sofreram? A história de cada lugar é constituída por vários atores, porém é contada por poucos que carregam subjetividades em suas interpretações.

As fotografias falam de nós, do nosso lugar, mas por que ainda não somos nós que a tiramos? De acordo com Costa (2014, p. 10), as fotografias “sempre prestaram e prestarão aos interesses ideológicos de quem atua por trás delas. As fotos são um instrumento com grande poder para transmitir ideias e manipulação das grandes massas populacionais.”. Ou seja, o que irá dar sentido e voz às fotografias é o interesse de quem está por trás delas. Levar a fotografia, a partir do(a) próprio(a) aluno(a) para a sala de aula é dar voz para o lugar dele(a), para que assim, ele(a) não dependa e não aceite outra voz para falar do seu lugar.

Com isso, o trabalho tem como objetivo geral apresentar uma proposta de aula para proporcionar uma leitura do espaço com os(as) alunos(as) sobre as relações existentes na cidade a partir do lugar que eles vivem por meio da fotografia. Os objetivos específicos que orientarão a pesquisa são: Compreender a importância da fotografia para contextualizar o lugar do(da) aluno(a); Refletir sobre as invisibilidades da cidade para desenvolver o pensamento geográfico; Utilizar a linguagem fotográfica para proporcionar a leitura da cidade a partir do(a) aluno(a).

Esta pesquisa se justifica, principalmente pelo poder que as linguagens metodologicamente têm para a construção do conhecimento, principalmente o geográfico. A fotografia é uma representação do espaço, não é um mapa por não ter detalhamentos técnicos, mas é a representação do olhar de quem as tirou.

Também se justifica pela presença que a câmera constitui no espaço. Nesse sentido, Gomes (2013, p. 279), quando estava trabalhando na produção do filme Espaços públicos: a cidade em cena, percebeu:

[...]como a simples presença de um equipamento de filmagem constituía um elemento denunciador da exposição e da visibilidade nos espaços públicos. Como a presença da câmera pode alterar o regime de visibilidade dos espaços? [...] apenas potencializa o olhar, deixa explícita, “faz ver” a visibilidade daquele lugar.

Partimos da concepção de fotografia enquanto linguagem, para assim, trabalharmos sua leitura em sala de aula. Arruda (2010, apud Silva e Ramírez, 2014, p. 60), demonstra que podemos ler e escrever pelas e com as fotografias e não apenas ler e escrever sobre elas:

A imagem fotográfica é uma linguagem específica que atua simultaneamente no campo do inteligível e do sensível, fornece um leque de informações em diversos campos do conhecimento, as quais o pesquisador pode utilizar-se para reconstituir e interpretar determinada realidade social.

A partir do trabalho pensado nesta pesquisa, a imagem será resgatada do espaço pelo(a) próprio(a) aluno(a) e com isso, ele deve explorar o leque de informações geográficas que o cerca. Estas informações auxiliarão na leitura do lugar e na interpretação da realidade.

A fotografia é pensada como uma possibilidade para que todos tenham direito de representar o seu lugar. Com ela os estudantes terão a possibilidade de levar para a sala de aula cada um com seus saberes, compartilhando-os com os demais. Assim, a proposta constitui-se sobre fotografias tiradas e analisadas pelos próprios estudantes, sobre suas vidas e suas vivências. Trata-se também sobre se colocar no lugar do outro, nesse caso, do seu colega.

Além da importância da auto representação, a fotografia tirada pelos(as) alunos(as) foi escolhida como linguagem neste trabalho por ser considerada como parte de um momento de ruptura daquilo que estamos acostumados na Escola Básica: aula expositiva, que, muitas vezes, falam de lugares distantes de nossa realidade, não nos permitindo criar relações com nossa vida.

Nessa perspectiva, Siquera (2014, p. 348) expõe:

“São os momentos de ruptura que possibilitam ao professor e aos alunos romper com a lógica de dominação, levando o saber para perto da realidade, a cidade e o bairro, possibilitando ações concretas que contribuam com a melhoria na qualidade de vida urbana. Tudo isso em associação constante com os acontecimentos globais que reproduzem os espaços locais e são por estes, influenciados”

O(a) aluno(a) poderá pensar a cidade a partir do momento em que parar seu fluxo de passagem e realizar a fotografia. Assim, poderá pensar no que é visto, mas também no que é invisível, seja pela falta de oportunidade de enxergar todos os

cantos da cidade ou por simplesmente não nos darmos conta das relações que ali existem.

Pensar a cidade por meio da fotografia não diz respeito somente ao que está explícito na imagem, mas também aos elementos que não estão visíveis e que fazem parte das narrativas do fotógrafo. Nesse sentido, Costa (2014, p. 14) explicita:

A fotografia é capaz de trazer os elementos não visíveis para o concreto por meio de suas narrativas, nas quais só o fotógrafo pode nos contar. Uma fotografia é carregada de significados à espera de leituras do espaço geográfico.

Diante dos elementos visíveis e não visíveis da fotografia, traçam-se diversas narrativas da cidade que podemos discutir em sala de aula. Narrativas essas que são as “geografias” dos(as) alunos(as). Conforme, Silva e Ramírez (2014, p. 65), “possibilitar pensarmos um pouco sobre o que está de fora, todo o aparentemente invisível, ou que nossa sociedade idealiza não querer ver, mas que faz parte da loucura em que vivemos.”

Por fim, Lopes (2000) explana que a fotografia também pode ser responsável por um sentimento de autovalorização que os estudantes desenvolvem ao explorar suas imagens. Como forma de estruturação da personalidade e valorização da autoestima. Além disso, a fotografia ajuda os estudantes a expressarem valores e emoções e também ressignifica o olhar em um mundo dominado pela quantidade de informação visual. Assim, o olhar passa a estar mais sensível à realidade.

2. O LUGAR POR MEIO DA FOTOGRAFIA

Para que possamos pensar em lugar e fotografia, temos que refletir sobre o registro aparentemente estático do lugar, a materialização da fotografia e as subjetividades que existem de forma identitária no olhar único, contínuo e interpretativo desta materialização, o próprio lugar.

Callai (2010, p. 30) explica que “Lugar é onde vivemos, moramos, trabalhamos, enfim, onde acontece nossa vida”. A autora nos remete ao sentimento de pertencimento a um local, que se transforma em lugar no momento em que este local representa a continuidade de nós mesmos.

A Geografia precisa colocar os(as) alunos(as) que a estudam em meio a seus dados, representações, conceitos e conteúdos. Quando se manifesta em relação às paisagens como resultado social, nos dá a oportunidade de pensar na interlocução de quadros paisagísticos. Se retornarmos à fotografia que registra diferentes locais, podemos considerar que uma fotografia ao representar um lugar está dentro de uma paisagem que, por sua vez, está interrelacionada com muitas outras e se comunica com as mesmas pelas continuidades e descontinuidades no espaço geográfico.

Ensinar a partir do lugar do(a) aluno(a) é (re)significar esse lugar, para que o conhecimento também ganhe significado. Segundo Callai (2010, p. 36) um conhecimento que sirva para o(a) aluno(a) “se reconhecer como um sujeito possuidor de uma identidade e que perceba seu pertencimento [...]”.

Podemos traçar análises sobre o lugar, nos remetendo, por exemplo, à reflexão das condições que nos levaram a ser quem somos ou no que poderíamos ser. Com isso, podemos levantar as seguintes questões: como conhecer o lugar e nos reconhecer parte desse lugar por meio da fotografia?

Para tal, é preciso olhar, observar e registrar o seu entorno. É necessário que ele compreenda que os lugares podem e devem ser representados de diferentes formas, sendo a fotografia uma delas.

Com a fotografia os(as) alunos(as) podem identificar como se relacionam com o lugar onde vivem. Eles, melhor do que ninguém, conhecem os pontos positivos e negativos do seu cotidiano. Além disso, podem pensar os aspectos que os fazem criar aproximação ou distanciamento com esse lugar.

Nesse sentido, Santos (2012, p. 120) demonstra:

[...] entendemos que eles convivem com as mazelas urbanas, como a falta de infraestrutura das cidades, o desemprego, a insegurança, as desigualdades sociais, o lixo nas ruas, a poluição sonora, as enchentes. Todos esses temas podem ser trazidos à tona nas aulas de Geografia, trazendo essas experiências dos alunos juntamente com o conhecimento geográfico; dessa forma, edificando-se um conhecimento significativo para o aluno.

Por meio da fotografia, os(as) alunos(as) podem apresentar o olhar que possuem do lugar onde vivem, deixando emergir interpretações e escolhas seletivas para representar, ou até mesmo para o que não querem representar. No interior de cada foto tem uma quantidade imensa de objetos de aprendizagem da Geografia que fazem parte da realidade do(a) aluno(a). Isso acontece, por exemplo, na simples escolha do que fotografar ou o ângulo fotografado, já diz muito sobre o sentimento, sensibilidade e criatividade dos(as) alunos(as). Nesse sentido, Lopes (2000, p. 138) afirma que “O fotógrafo, ao enquadrar o modelo ou a cena a ser fotografada, recorta uma parte do espaço- tempo da realidade, isolando-o, captando um fragmento único e singular desse espaço-tempo na foto.”.

Ao oportunizar aos(as) alunos(as) que escolham um local qualquer para fotografar e, posteriormente que expliquem o motivo da escolha, estaremos oportunizando aos mesmos uma leitura interpretativa, mesmo que preliminar da sua escolha. A fotografia registra um momento, uma situação, um local e, principalmente, uma dada observação. Se partirmos dela para compreender a sua própria dinamicidade estaremos representando-a em suas entrelinhas, ou seja, dando vida a um fragmento que tem continuidade.

Segundo Lopes (2000, p. 141), “a câmera penetra na realidade permitindo fixar imagens efêmeras e secretas, mostrando, através da cumplicidade do olho mecânico, uma visibilidade do mundo, tanto material como social, que escapa de ser captada pelo olho natural.” Assim sendo, no momento em que fixamos essas imagens, tirando a fotografia, elas passam a estar “escritas”. Podendo assim, compreendermos e transformarmos relações.

Ademais Lopes (2000, p. 136) expressa:

Através da narrativa, construída a partir das imagens fotográficas, podemos nos acercar das coisas humanas e materiais de muitas e diferentes maneiras. Depois da fotografia a experiência humana não é mais a mesma, pois conquistamos uma consciência cultural e subjetiva do mundo que nos transformou de forma radical.

Diante do exposto, fica evidente a importância de a fotografia ser tirada pelo(a) próprio(a) aluno(a). Se estamos falando de lugar, pertencimento, cotidiano e identidade, precisamos dar voz diretamente aos estudantes. Se enxergamos o mundo através de nossas experiências, quem poderia representar nosso lugar, senão nós mesmos? A fotografia é sobre isso, sobre nos proporcionar a representação do nosso lugar. E não parece existir maneira mais significativa do que torná-los sujeitos diretos dessa construção, sendo eles os próprios fotógrafos.

Quando os(as) alunos(as) se tornam fotógrafos(as) são autores(as) do significado inicial. Eles(as) podem escolher o que observar, como observar e questionar o motivo que os levaram àquela determinada escolha de fotografia. Sendo assim, autores da própria história, representando aquilo que desperta o seu interesse. Identificando-se como sujeito daquele lugar, a partir da fotografia.

Perinotto e Coêlho (2012, p. 62) destacam:

Cada fotógrafo deve estar consciente da ação de fotografar, que, além de captar imagens, remete a um registro de sua opinião sobre as coisas, sobre o mundo. A sua abordagem sobre qualquer tema que o define e o expressa, cabendo às pessoas adequarem a fotografia aos seus sentimentos, sensibilidade e criatividade.

Quando o(a) aluno(a) fotografa o lugar onde vive está automaticamente fazendo um tipo de leitura desse lugar e se percebendo parte dele. Está rompendo com o fluxo para observar e fotografar. A fotografia também é uma maneira para o(a) aluno(a) se olhar e olhar o mundo, percebendo sua identidade e reconhecendo seu pertencimento a determinado lugar.

Os(as) alunos(as) ocuparão dois lugares em sala de aula: o lugar do fotógrafo, que observa, enquadra e tira a fotografia; e o lugar do(a) aluno(a) leitor(a), que percorre a imagem, analisa e reflete. O objetivo não é limitar essas etapas ao fotógrafo ou ao leitor. Ambos podem e devem estar presentes em todas as etapas. O

fotógrafo, assim como o leitor, percorre a imagem, analisa e reflete. E o leitor, assim como o fotógrafo, também observa e enquadra.

Ao simularmos uma situação em uma sala de aula com vinte e cinco alunos(as), por exemplo, e solicitarmos que cada um deles(as) fotografe o lugar onde mais chama atenção, teremos vinte e cinco lugares diferentes. Estes vinte e cinco lugares apresentarão, pelo menos, vinte e cinco explicações, emoções, geografias. Ao juntarmos estes lugares e estabelecermos suas ligações teremos certamente uma interlocução de lugares, de paisagens, de espaços. Uma interlocução indissociável.

Com a fotografia, os(as) alunos(as) terão a possibilidade de demonstrarem o que percebem a partir de suas experiências com aquele lugar. Daquilo que é significativo para eles. Não apenas reconhecer e descrever o lugar onde vivem, mas também entender as relações existentes. Segundo Lopes (2000, pg.137), a fotografia pode ser vista “como objeto de análise do processo de mediação na relação do sujeito com o conhecimento do mundo e de si próprio”.

A fotografia é uma maneira do(a) aluno(a) se olhar e olhar o mundo, percebendo sua identidade “que é territorial, mas socialmente construída, e, a partir disso, reconhecer seu pertencimento a um mundo no qual estão vivendo [...]” de acordo com Callai (2010. p. 34).

3. A CIDADE QUE (NÃO) VEJO

Existe uma cidade que vemos, que está diante de nós, que é concreta. Mas também existe uma cidade concreta que não enxergamos, seja pela distância ou pela invisibilidade que atribuímos a ela. Cada um de nós enxerga essas partes da cidade de forma única, totalmente ligada aos significados que atribuímos a elas.

O que vemos ou deixamos de ver diz respeito à posição em que estamos, do nosso ponto de vista. Existe uma relação direta entre o observador e o que está sendo observado. Se mudarmos os pontos de observações, veremos coisas diferentes. Segundo Gomes (2013, p. 20), [...] “ao assumirmos uma posição, estamos sempre privilegiando um campo de observação, tornando, por conseguinte, outras parcelas desse campo periféricas e sempre “dando as costas” para outra imensa parcela.”.

Nossa preocupação deve estar condicionada em fixar o olhar na cidade, não somente em percorrê-la. Gomes (2013) explica que ver algo significa extraí-lo da homogeneidade indistinta do olhar. Ainda segundo Gomes (2013, p. 40), “há uma Geografia própria ao fenômeno da visibilidade na maneira como socialmente escolhemos lugares para mostrar ou esconder coisas, valores e comportamentos, na maneira como são mostrados e nas circunstâncias dessa exposição’. Assim, a posição de pessoas, os fenômenos e os objetos, os tornam visíveis.

Temos a impressão que conhecemos nossas cidades, mas existem partes das quais nem imaginamos. A cidade não é única, podemos até falar de várias cidades dentro da mesma cidade, visto o nível desigual que a maioria apresenta.

Com o objetivo de trazer essas partes da cidade para a sala de aula, pensaremos na fotografia como objeto de análise. Os estudantes poderão trazer a “sua” cidade e ver a cidade dos outros colegas a partir de fotografias tiradas por eles.

Conforme Costa (2014, p.12), as fotografias despertam o imaginário, criam sensações, pensamentos, impulsionados pelas inúmeras maneiras que nos permitem de interpretação. Com isso, na sala de aula teremos inúmeras interpretações sobre o mesmo espaço, abrindo assim, um campo de debate muito

amplo para pensarmos sobre a cidade em que moramos. Ainda, Costa (2014, p. 11) explica:

As fotografias dizem de mim, de nós, do mundo, nos mostram as diferentes paisagens de lugares, negam acontecimentos, chocam, alegram, entristecem, criam contendas, despertam amores, as fotografias são documentos e são plurais. As fotografias falam de espaços geográficos através de sua linguagem própria, portanto, fotografias têm em si geografias.

Como nos comunica a autora, as fotografias negam acontecimentos, ou seja, no momento em que o(a) aluno(a) escolhe o que fotografar, ele(a) está automaticamente negando muitos outros lugares. Os motivos destas negações são geográficos, são repletos de números e acontecimentos. As fotografias revelam paisagens e se forem olhadas de forma articulada nos permitem leituras interessantes do mundo.

No entanto, para enxergarmos e fotografarmos, o olhar precisa estar acostumado a observar, absorver e refletir sobre a cidade. Ele deve questionar as relações que existem e o que elas nos dizem. O objetivo é que o(a) aluno(a) consiga perceber as relações existentes, e não apenas descrever os lugares. Tendo assim, uma percepção mais complexa da realidade. Para que assim, conforme explica Callai (2010, p. 38), “não se fique apenas nas descrições do aparente, daquilo que é visível e parece ser natural. Olhar e conseguir perceber o que está por trás dessa aparência, reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais [...]”.

A cidade, com sua produção desenfreada, banaliza a diferença. Banaliza-se a fome, a agressão de “minorias”, os moradores em situação de rua, o aumento de trabalhos informais, a existência de periferias, entre tantas outras situações. Quando na verdade deveríamos nos questionar o motivo que leva tudo isso a acontecer. Levando esse questionamento para a sala de aula, teremos a oportunidade de diminuir essa banalização no olhar do(a) aluno(a).

Sabemos também que certas partes da cidade não têm acesso digno a determinados serviços como educação, saúde e acessibilidade aos transportes públicos, enquanto outras partes são cercadas de estruturas e serviços de segurança privada por muros e grades cada vez mais altos e mais fortes. Ao

observar a cidade podemos nos questionar o motivo de normalizarmos essas situações desiguais, que deveriam ser inadmissíveis, mas que mesmo assim não enxergamos - ou não queremos enxergar.

Cada vez mais as cidades são movidas por interesses individuais e egoístas. As pessoas ocupam o mesmo espaço fisicamente, mas não se olham, não conversam, não conseguem se colocar em outro lugar que não seu próprio lugar, não conseguem imaginar o outro. Assim, um lado da cidade vive com dignidade enquanto o outro luta para sobreviver.

Nossas cidades transformam-se cada vez mais em mercadoria, e distanciam-se, cada vez mais, de serem lugares para se viver com o mínimo de dignidade. Precisamos levar essas discussões para a sala de aula, mostrando que uma outra cidade é possível. Devemos oportunizar aos estudantes a imaginação de uma cidade que não mate, não exclua e não desumanize, de uma cidade que seja para todos(as).

É impossível falar das desigualdades sem falar do sistema capitalista. O ensino de Geografia precisa levar essa discussão para a sala de aula. Ensinar Geografia sem compreender que esse sistema não funciona para o bem comum é negar o papel da Geografia enquanto estudo do espaço. E como nos lembra Harvey (2014, p. 156) "a urbanização capitalista tende perpetuamente a destruir a cidade como um comum social, político e habitável".

Um dos nossos objetivos quanto professoras e professores de Geografia, é atuar contra essas diferenças sociais, responsáveis pela falta de direitos básicos para uma vida digna. Assim, fazer com que os (as) alunos (as) se coloquem dentro da cidade para que vejam os problemas de forma social e, não mais de forma isolada, como se dependesse somente de um esforço individual.

Com isso, é papel fundamental da Geografia não deixar com que os(as) alunos(as) tenham um contato limitado com a cidade em que vivem, para que assim possam reconhecer a existência do outro. Devemos levar o interesse pela cidade para a sala de aula, fazendo com que eles queiram entender onde vivem e as relações existentes nesse espaço. Assim, torna-se papel do(a) professor(a) de geografia, de acordo com Rego, Moll e Aigner (2006, p. 99):

[...] incentivar seus alunos a olhar e conviver intimamente com sua cidade, apreender a diversidade de tipos sociais, entender suas expressões culturais e os diferentes lugares onde se tecem as relações dos diversos grupos sociais. [...] incentivar o reconhecimento do outro e a busca do seu entendimento e aprendizagem a partir do diálogo e apreensão de suas experiências de vida.

É sobre entender que não enxergamos a cidade da mesma forma devido às nossas experiências pessoais e nossa visão de mundo. Mas principalmente nos questionarmos sobre o que tanto nos impede de nos colocarmos no lugar do outro. Ainda não nos entendemos enquanto sociedade dentro da cidade, somente enquanto indivíduo. Tal fato pode estar ligado a imagem que temos da cidade como centro de produção e consumo, como falado por Mattoso (2010, p.78) “[...] a cidade contemporânea se caracteriza pela velocidade da circulação, o que remete à imagem de cidade como centro de produção e consumo que domina a cena urbana.”.

Campos (2016, p.64) manifesta que a cidade é “[...] um reflexo desta sociedade consumista, um repositório de marcas, produtos e imaginários. As montras/vitrines, os outdoors, os transportes públicos e os edifícios encobertos por publicidade, reflectem esta condição.”. Assim, estudar a cidade deve ser um processo investigativo, observando em seu cotidiano áreas comerciais, áreas residenciais, ocupações, exclusões e segregações. Ainda, Castellar (2006, p. 110) acrescenta, “compreender e questionar a organização dos bairros, a circulação das pessoas e dos meios de transporte, a oferta de espaços para lazer e cultura, a localização e distribuição do comércio e dos serviços como educação e saúde.”.

4. AS INVISIBILIDADES DA CIDADE- LENTES NECESSÁRIAS

A fotografia nos faz refletir como nos vemos na cidade (pois estou nela tirando a foto), como vemos uma parte da cidade (a fotografia em si), e como eu vejo o outro na cidade (não estará necessariamente visível, mas estará no processo de interpretação).

As fotografias serão pensadas, tiradas e analisadas a partir de três questões: 1. Quem sou na cidade; 2. Quem faz a cidade; 3. Para quem a cidade é feita. As questões se transformam em categorias de análise como método para entender a Geografia a partir dos seus objetos do conhecimento.

Castellar (2019, p. 4) informa que “As estratégias desenvolvidas para que ocorra a aprendizagem é algo muito maior do que simplesmente aplicar atividades, entende-se que a partir delas há uma intencionalidade pedagógica, planejada [...] para potencializar a aprendizagem”. Assim, para que o(a) aluno(a) entenda as relações existentes na cidade, por meio da análise geográfica, propõe-se uma leitura do espaço por meio da fotografia.

4.1 QUEM SOU NA CIDADE?

Quem somos na cidade está relacionado com o quanto nos reconhecemos enquanto cidadãos. Será que nossos(as) alunos(as) sabem que tem direito a um teto? À comida? À saúde? À justiça? Refletir sobre nossa realidade faz com que nos entendamos como parte da cidade. Refletir sobre o lugar que moramos, nossos sentimentos e emoções em relação a esse lugar e as vivências e memórias que possuímos.

Estamos dentro da cidade. Somos a cidade. Nesse sentido, Souza (2013, p. 106) evidencia “E estando na cidade, vivendo e sendo a cidade, as formas, funções, ações, valores, signos e símbolos são também reflexos de nós mesmos.”. A criação na cidade não está relacionada às construções concretas, às marcas, mas aos entendimentos, as reflexões, o olhar complexo e não reducionista, A cidade somos nós, desta forma a cidade, ou parte dela, é a continuidade de nós mesmos. Nós somos a cidade porque fazemos acontecer dentro dela.

Segundo Harvey (2014, p. 20), “o direito à cidade é um significante vazio, tudo depende a quem vai lhe conferir significado.” E qual o significado para os nossos(as) alunos(as)? O que a cidade significa para eles(as)? Ou o que querem que ela signifique? Eles(as) se entendem enquanto cidadãos? Se enxergam como sujeitos com identidade e pertencimento? E quanto aos outros? Enxergam os demais?

É imprescindível nos entendermos e compreendermos o outro para não nos tornarmos invisíveis e não permitir que nenhum outro se torne. Nos entendermos enquanto cidadãos e participantes da cidade, para nos organizarmos e reivindicarmos espaços e mudanças.

Harvey (2014, p. 28) argumenta:

[...] a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são os nossos valores estéticos.

E a partir disso, resta perguntarmos: qual cidade queremos? Nossos(as) alunos(as) querem viver em que tipo de lugar? Entendem do que gostam? Sabem que possuem direito de escolha? Conhecem os tipos de lugares possíveis? Sabem que lugares sociais ocupam? Sabem dos valores que carregam? Massey (2008 apud SOUZA; SOUZA, 2013, p. 109), destaca que:

[...] o modo como imaginamos o espaço tem seus efeitos sobre o modo como pensamos a nós mesmos e aos outros”. Isso vem enfatizar a necessidade de aprendermos o espaço urbano, a fim de que construamos relações mais proativas e integradoras com tal espaço, com nossos semelhantes e com nós mesmos, na busca por uma cidade pertencente a todos.

Quando falamos de cidades estamos falando de olhares. É a partir do olhar que podemos absorver e ressignificar. Assim como nos fala Castellar (2006, p.105), “[...] ao observar os elementos que compõem o espaço vivido, o(a) aluno(a) perceberá a dinâmica das relações sociais presentes na organização e produção desse espaço, bem como o significado do processo de construção de sua identidade individual e coletiva.”.

Quem eu sou na cidade pode estar relacionado com as atividades que faço nela, com o sentimento que tenho por ela ou com o olhar que tenho dela. Quem decidirá tal fato é o(a) aluno(a). No meu caso, se fosse responder quem eu sou em Porto Alegre, responderia que sou o olhar atento às pessoas em situação de rua. Elas me causam uma tristeza imensa, pois englobam muitos poréns de estarem ali. A população que passa por essas pessoas, os ignora, e quase os atropela, que os estereotipam como drogados ou ladrões, ou que exteriorizam discurso de ódio ou, até mesmo, desferem atos violentos contra eles.

Diante do exposto, deixo uma foto (Figura 1) que não representa a materialidade do meu “eu” na cidade. Mas sim o sentimento de tristeza que ela me passa.

Figura 1: Pessoa em situação de rua dormindo em frente à Prefeitura de Porto Alegre



Fonte: Jornalismo, 2020

Ademais, não poderia deixar de trazer o texto que encontrei junto com a fotografia em época de festas de final de ano:

Feliz Natal e próspero ano Novo para quem, cara pálida (vermelhinha do sol da praia)?
Que desmorone dentro de nós o conto da Coca Cola ou do Zaffari de fim de ano! Da Bíblia.
Buscar os rompimentos imediatamente.

Experimental, estudar, viver.
Enosando, em paralelo, redes outras.
Outros sentires. Outros agires.
Não é normal seguirmos nossos sonhos de margarina (criados onde, quando?) enquanto existem vidas enquadradas como na foto abaixo. Você acha normal? Tipo, de boa?
Por que nossas vidas não são dedicadas a destruir com este sistema?
(JORNALISMO, 2020)

4.2 QUEM FAZ A CIDADE?

Segundo Corrêa (2004), o espaço urbano é feito e refeito pelos proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos. O primeiro grupo se constitui nos grandes consumidores do espaço. Os proprietários fundiários são os que estão interessados no valor de troca da propriedade. Os promotores imobiliários são aqueles que comercializam ou transformam o capital mercadoria em capital dinheiro (acrescido de lucro). O Estado atua, entre outras coisas, na organização espacial. E por fim, os grupos sociais excluídos são aqueles que não possuem renda para pagar o aluguel e muito menos para comprar um imóvel.

Harvey (2014), ao falar dos trabalhadores que criam a cidade, diz que eles se constituem em: trabalhadores da construção civil; professores, responsáveis pelos sistemas de esgoto e pelo metrô, cuidadores, encanadores, eletricitas, montadores de andaimes, operadores de guindastes, trabalhadores de hospitais, motoristas de ônibus, trabalhadores de restaurantes, artistas, entre tantos outros.

No entanto, no dia-a-dia dos(as) alunos(as), eles(as) identificam esses atores? O olhar está habituado a perceber os agentes que fazem a cidade? Está habituado a observar o que para a maioria das pessoas passa despercebido?

O objetivo a se pensar na resposta dessa pergunta com os(as) alunos(as) é de tornar o olhar mais sensível a todos os agentes que produzem a cidade. Torná-los mais sensíveis a todas as pessoas que constroem a cidade, mas que são invisibilizadas.

Ademais, é importante ressaltar que essas pessoas que constroem a cidade não estão ligadas somente aquelas que constroem ou que trabalham nos prédios, mas sim a todas aquelas que fazem parte do sistema de exclusão que mantém as

idades. Então quando se fala em produtores da cidade, são de todos que de alguma forma habitam uma parte do território que constitui a cidade.

Quem produz a cidade está nos transportes públicos lotados, na reciclagem dos materiais que nós descartamos, na pessoa que amassa o pão que compramos, que limpa as ruas que andamos, que dorme nas praças que passamos. O olhar dos(as) nossos(as) alunos(as) têm que estar habituado a enxergá-los.

Quem faz a cidade são os trabalhadores do transporte público, ou aqueles que necessitam dele para se locomover. Eles fazem a cidade girar, mas precisam parar para serem reconhecidos como cidadãos de direito (Figura 2).

Figura 2- Fotografia da paralisação dos trilhos do Trensurb por vacina para os funcionários e para a população que trabalha no ou depende do transporte público



Fonte: Derivas, 2021

A mesma coisa acontece com os entregadores de aplicativos. São expostos a chuva, a violência do trânsito e ao vírus, sem nenhum direito trabalhista. Movimentam milhares de entregas na cidade, mas mesmo assim não possuem nenhum direito trabalhista. Assim como os trabalhadores da Trensurb, tiveram que parar para serem vistos (Figura 3).

Figura 3- Paralisação nacional dos entregadores de aplicativos



Fonte: Derivas (2020)

4.3. PARA QUEM A CIDADE É FEITA?

Depois de identificar quem faz a cidade, mas muitas vezes é invisível nela, podemos nos perguntar se nossos(as) alunos(as) identificam para quem ela é feita. Quem tem direito a ela? Para respondermos essa pergunta juntamente com os estudantes, podemos começar perguntando quais problemas eles enxergam na cidade. Assim, começarão a identificar que a cidade é pensada somente para determinadas camadas da população, nos dando a impressão de que essas camadas são mais visíveis que as primeiras.

Por exemplo, percebendo que quando o volume de chuva aumenta, as áreas nobres nunca são alagadas. Ou ainda, percebendo quais áreas não possuem acesso ao saneamento básico. A partir dessas questões, podemos começar a responder para quem a cidade é feita.

À vista disso, Harvey (2014, p. 63) explicita:

O direito à cidade como hoje existe, como se constitui atualmente, encontra-se muito mais estritamente confinado, na maior parte dos casos, nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos.

Identificando o que acontece em sua realidade, poderão traçar reflexões sobre como são os outros lugares. E o motivo dessas situações acontecerem por lá também. Poderão, assim, começar a pensar no sistema em que vivemos. Costa (2014, p. 35) informa,

As contradições que o modo de produção capitalista o qual vivenciamos nos impõe diariamente podem ser apontados a partir das vivências dos alunos e eles estão em constante contato com os espaços geográficos em sua cidade em seus bairros, casas, escolas etc.

Por conseguinte, começarão a perceber, com a ajuda do(a) professor(a), que a cidade é feita para aqueles que detêm o poder econômico, feita para quem pode movimentar o sistema capitalista. Começarão a ver que para tal sistema eles são o que consomem. Se eles não possuem poder financeiro, não terão uma cidade para eles. Apenas farão a cidade, mas ela não será feita para eles.

Quando estiverem passando pela cidade, tal fato pode ser observado nas diferentes formas que o poder político usa para expor sua autoridade, como nos lembra Campos (2016, p. 70), “expõe a sua grandeza nos edifícios oficiais, nos monumentos oficiais ou nos rituais de Estado”. Ainda, o autor acrescenta como as empresas o fazem “O mercado e as empresas exibem-se na publicidade que invade a cidade; o sector financeiro demonstra o seu poderio através de edifícios imponente.”.

Um grande exemplo para pensarmos para quem a cidade de Porto Alegre é feita, constitui-se na imagem de assessores do ex-prefeito, Nelson Marchezan, na frente do prédio da Prefeitura, observando o ato das pessoas em situação de rua (Figura 4). Existem muitas coisas a serem trabalhadas nessa imagem: posição que esses assessores estão (no topo da escadaria- olhando de cima), grandeza do edifício que estão (que parece inatingível a qualquer ação), guardas municipais barrando a entrada (de uma instituição pública que deveria ser acessível a

todos(as)). Eles, ali de cima, decidem situações que não fazem parte de sua realidade. Os de baixos, enquanto inclinam seu olhar para enxergar o topo da escada, continuam lutando para serem vistos.

Figura 4 - Assessores do ex- prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior, observando ato de luta da População em Situação de Rua em frente a Prefeitura de Porto Alegre



Fonte: Derivas, 2020

5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo constitui-se no planejamento da proposta metodológica para o trabalho com fotografias. O objetivo é que os(as) alunos(as) identifiquem as respostas das questões propostas anteriormente em seus cotidianos, fotografando-os. Somente um por aluno(a), mas ao final teremos 30 respostas em uma turma de 30 alunos(as).

5.1 ANTES DO ATO FOTOGRÁFICO

Primeiramente, será realizada a discussão que provoque a interação entre o(a) aluno(a) com o lugar onde vive. Pode ser perguntado, por exemplo, por que eles(as) se sentem cidadãos. Podemos pensar em outras questões que também façam parte do cotidiano dos(as) alunos(as), conforme questiona Rolnik (2017, p. 22), “Onde a água potável chega primeiro? Onde o saneamento básico chega primeiro? E onde eles ainda não chegaram? [...]Quem definiu onde a pobreza ia se instalar? E se as enchentes atingirem áreas nobres?”. Assim, a partir dessas questões, os(as) alunos(as) podem começar a compreender o sentido e a relação de ser cidadão e morar numa cidade.

Em um segundo momento, serão apresentadas para os estudantes as três perguntas propostas nesse trabalho: Quem sou na cidade? Quem faz a cidade? Para quem a cidade é feita? As questões devem ser debatidas a fim de deixar a proposta mais transparente possível, para que o momento do ato fotográfico seja proveitoso.

Para que o processo de representação da cidade seja proveitoso, o(a) aluno(a) deve ter bem claro as suas intenções enquanto fotógrafo, questionando-se o que deseja revelar por meio das fotografias. Além de ter o olhar educado para dar sentido e entender o que se vê.

A competência utilizada para este processo será, de acordo com a BNCC (2017, p. 366) “Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza”. Tal competência, conforme a BNCC (2017, p. 391) pode ser alcançada a partir das seguintes habilidades trazidas no 8º ano ao

“Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas [...] e Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.”.

5.2 O ATO FOTOGRÁFICO

Após apresentação das perguntas e debate, os(as) alunos(as) serão orientados a tirar uma fotografia para responder a cada uma das perguntas discutidas previamente. Este momento deverá ser instigante. Como, por exemplo, exaltar a possibilidade de ser fotógrafo por um dia. Será perguntado quem gosta de fotografias, se conhecem algum fotógrafo (pode-se trazer imagens de fotógrafos(as) brasileiros(as) como Isis Medeiros, Helen Salomão, João Ripper, João Wainer, Alass Derivas, entre tantos outros, para que os(as) alunos(as) observem ângulos, pontos de vistas, incidência de luz, linhas, formas.

Esse é o momento no qual os(as) alunos(as) podem apresentar o olhar que possuem do lugar onde vivem. A partir das três perguntas trabalhadas anteriormente, terão a oportunidade de escolher o que querem mostrar. Poderão escolher o ângulo sobre determinada situação e expressarem seus sentimentos e criatividade.

Existem algumas questões que precisam ser pensadas para essa atividade, como por exemplo, se algum estudante não possuir acesso a uma câmera fotográfica (seja ela de qualquer modelo) propõe-se como alternativa, a Câmera Pinhole, feita com materiais de fácil acesso, como lata de alumínio, fita isolante e alguns produtos químicos para revelação da foto. Com a ajuda do(a) professor(a), se torna uma maneira fácil e barata para que todos(as) os(as) alunos(as) tenham a oportunidade de fotografar. Todas informações necessárias, como materiais, modo de fazer e resultados são encontrados no Manual Prático de Fotografia Pinhole¹, elaborado pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Outra questão importante para pensarmos diz respeito às diferentes formas de olhar. Como professores e professoras, devemos promover atividades que incluam todos os(as) nossos(as) alunos(as). Aqui falo especialmente dos(as)

¹ FALIERI, Cleber. Pinhole: Manual prático da fotografia estenoica. Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), 1997. Disponível em <<https://www.eba.ufmg.br/cfalieri/index.html>>. Acesso em: 30 abr. de 2021.

alunos(as) que possuem qualquer deficiência visual, que muitas vezes são vistos como impossibilitados de trabalharem com a fotografia. Mas não, eles podem ser fotógrafos e o Kulcsár (2018), nos mostra de forma sensível e incrível como podemos trabalhar com estudantes que olham de outra forma.²

5.3 O PÓS ATO FOTOGRÁFICO

Essa etapa tem como objetivo explorar as atividades que provêm após o ato fotográfico: análise, exposição e discussão das fotografias e formação dos grupos em sala de aula.

5.3.1 ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

Após as fotografias serem tiradas, os(as) alunos(as) deverão analisarão cada uma delas de forma textual, escrevendo sobre o que é concreto, mas também sobre o que é sentido, levando em consideração as questões previamente discutidas. Por exemplo, na questão “Quem faz a cidade?”, deverão escrever o que pensaram no momento do ato fotográfico, se fotografaram algum agente produtor, ou alguma pessoa ou situação de invisibilidade, falar qual deles e justificar, além de citar o papel que esse agente possui na cidade.

5.3.2 DISCUSSÃO DAS FOTOGRAFIAS

Essa etapa tem como objetivo expor e discutir as fotografias tiradas pelos(as) alunos(as), sendo um momento para, além de tudo, observar com referencial de critérios, com sensibilidade e consciência sobre o raciocínio geográfico. Costa (2014, p. 13) explica, “Quanto mais nos aprofundamos em observá-las maior serão as possibilidades de deslocamento de pensamentos em busca de conhecimentos para dentro dessa linguagem.”.

Além disso, instigar os estudantes a exercitarem a observação e a análise, que pode ser feita por inúmeras perguntas, como por exemplo, Junior e Soares (2012, p.118) acrescentam:

² KULCSÁR, João. Fotografias feitas por pessoas deficientes visuais, por que não? **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 131-148, 16 out. 2018. Universidade Estadual de Campinas.

O que pensou o fotógrafo para posicionar sua câmera num local e não em outro, o que ele queria mostrar? Além disso, que vida existe no interior dessas fotografias, nas pessoas ou casas que aparecem? Como elas são? Como vivem? [...]

Existe uma complexidade na fotografia que só é possível ser revelada a partir de sua interpretação, segundo Seccato e Nunes (2015, p.91) esse exercício de interpretação “é atribuir e retirar sentido do que se analisa e a produção de sentido acontece da relação de diferentes fatores, como vivências, memórias, contexto social, cultural e histórico de cada observador”.

Esse processo de atribuir e retirar sentido do que se analisa deve ser muito bem trabalhado com os(as) alunos(as) antes do ato fotográfico, para que quando eles precisarem falar e escrever não seja um processo maçante e difícil. Assim, todas as questões do tópico anterior devem ser pensadas e debatidas antes do ato fotográfico.

Em sala de aula, os(as) alunos(as) relatarão qual mensagem tiveram em mente quando escolheram fotografar determinado lugar. Mas depois de fotografar a partir das questões trabalhadas anteriormente, é importante que escrevam sobre as fotografias que tiraram. A escrita nos faz pensar mais ainda no que vimos, além de ser um dos caminhos para direcionar o pensamento. Cada estudante terá sua própria leitura, que será uma antes de ouvir os colegas e outra depois. Por isso a importância da escrita antes de expor as ideias e fotos aos colegas.

O conjunto de fotografias exposto deve ser observado lembrando o referencial teórico estudado: o olhar consciente, a continuidade dos espaços, a invisibilidade, entre outros. Se um(a) aluno(a), por exemplo, fotografar um lugar na Zona Norte da cidade, deve-se propor a relação deste lugar com outro, talvez na Zona Sul ou Oeste. Esta interrelação entre as paisagens presentes nas fotografias são fatos importantes para compreender os objetos geográficos, indissociabilidade entre estes objetos, o olhar pela situação ou posição, a ação cidadã.

5.3.3 FORMAÇÃO DOS GRUPOS

Em sala de aula, serão formados 6 grupos, cada um ficará com as fotografias de uma das perguntas (sendo 2 grupos com a mesma pergunta). Por exemplo, o grupo 1 ficará com todas as fotografias da questão 1, grupo 2 com todas as

fotografias da questão 2, assim por diante. Depois de analisarem, deverão apresentar para a turma as fotografias e suas reflexões. Podem tomar por base perguntas como: Quem ou o que aparece na imagem; Que lugar aparece; Como são ou estão os principais elementos da imagem; O que indica esta imagem.

Após os grupos apresentarem, podemos trabalhar diversos conteúdos a partir das fotografias, como por exemplo, fragmentação do espaço urbano, segregação urbana, relações do meio ambiente com a sociedade no meio urbano, papéis sociais na cidade, desigualdade e distribuição de renda, entre tantos outros.

Nesse momento é importante que os(as) alunos(as) criem um raciocínio geográfico, que consigam identificar os sistemas que existem no espaço urbano, não se restringindo somente ao lugar onde vivem, mas sim pensando também em outros lugares. Podemos traçar relações com imagens de outros países para também perceberem que os agentes identificados por eles existirão em outras cidades. Por fim, espera-se que os(as) alunos(as) consigam traçar relações com outros assuntos que nos movem e que fazem parte do espaço urbano, como por exemplo, a política ou a economia.

O compartilhamento dessas fotografias em sala de aula fará com que o(a) aluno(a) se desloque para outras realidades. A forma com que ele(a) vê determinado lugar não será a mesma vista por outros colegas. Essas diferentes fotografias tiradas por eles e levadas para sala de aula, os levará a pensar nos diferentes olhares que cada sujeito possui. Assim, novas leituras surgirão e novas relações serão entrelaçadas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referente ao objetivo geral (apresentar uma proposta de aula para proporcionar uma leitura do espaço com os(as) alunos(as) sobre as relações existentes na cidade a partir do lugar que eles vivem por meio da fotografia), espera-se que os(as) alunos(as) sejam capazes de enxergar a cidade de forma mais sensível, conseguindo perceber o outro e se colocar em seu lugar. Que sejam sensíveis a outras realidades que não somente a sua. Espera-se que possam refletir sobre seu lugar no mundo, para que possam agir contra as invisibilidades sociais em seu dia-a-dia.

Também se espera que os(as) alunos(as) compreendam a importância de se auto representarem para que outras pessoas não a façam por eles. Que consigam identificar o poder que as representações muitas vezes têm em manipular determinadas situações.

No que diz respeito a compreender a importância da fotografia para contextualizar o lugar do(a) aluno(a), terão a possibilidade de observar e refletir sobre o seu lugar. Não poderão mais deixar com que as pessoas, lugares, objetos passem despercebidos, pois terão que parar para capturar o momento. Terão a possibilidade de exercitar a leitura e compreensão de paisagens, pensando sobre as relações que ali existem.

Parando em meio ao caos, poderão se dar conta das diversas vozes que nos formam e refletir sobre como se entendem nesse lugar. Pensar em quantas pessoas e situações já passaram por nós, e como isso nos formou enquanto cidadãos. Trabalhar com as fotografias dos(as) próprios(as) alunos(as) é trabalhar com eles(as) de maneira direta, mostrando que a Geografia não é somente sobre a vida deles(as), mas a própria vida.

No que diz respeito à reflexão sobre a invisibilidades da cidade com o objetivo de desenvolver o pensamento geográfico, conclui-se que, por meio das três perguntas propostas: “Quem eu sou na cidade?”; “Quem faz a cidade?”; e “Para quem a cidade é feita?”, pode-se refletir sobre uma filosofia da vida que privilegia os meios materiais, buscando formar um consumidor e não um cidadão. Assim, o (a)

aluno(a) poderá refletir sobre o sistema que vivemos, no qual quanto mais uma pessoa movimenta o capital, mais direito ela tem de acessar a cidade.

Cabe à Geografia trazer à tona os valores que os(as) alunos(as) possuem. Fazer refletir sobre quem eles são na sociedade, e não sobre o quanto eles podem consumir. A partir disso, podemos pensar em outro modelo de cidade, feito para todas as pessoas que nela habitam.

Referente ao objetivo de utilizar a linguagem fotográfica para proporcionar a leitura da cidade a partir do(a) aluno(a), concluiu-se que o(a) aluno(a), quando sai para fotografar a cidade, fica mais alerta sobre as relações que ali existem. Vive a cidade de outra forma. Assim, poderá entender que a cidade não é feita para todos (as) e, a partir disso, reivindica-la. O trabalho também tem a esperança de fazer da escola um lugar para nos articularmos por uma cidade mais justa, um ambiente para nos unirmos e pensarmos sobre a cidade que queremos. Um movimento que surja das escolas para se pensar na cidade que vivemos.

Este trabalho foi findado em maio de 2021. Desta forma, não se conseguiu aplicar a proposta aos(as) alunos(as) da Educação Básica em função da Pandemia do Covid-19. Contudo não podemos deixar de pensar sobre as fotografias que cada um de nós tiraria de nossas cidades neste momento. Quantas pessoas ocuparam praças por perder as suas casas e sua dignidade? Quantas manifestações pedindo a volta do comércio de forma genocida? Quantas imagens de pessoas que desacreditam da ciência? Que fotografia nos marcariam agora?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, 2017. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> . Acesso em: 20 abr. 2021.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Revista de Geografia Norte Grande**, [s. /], v. 1, n. 70, p. 9-30, dez. 2018.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. **Coleção Explorando O Ensino: geografia**, Brasília, v. 22, p. 25-42, dez. 2010.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e invisibilidades urbanas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 49-76, jun. 2016.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A CIDADE E A CULTURA URBANA: UM ESTUDO METODOLÓGICO PARA SE ENSINAR GEOGRAFIA. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 1, n. 85, p. 95-111, dez. 2006.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E A TEORIA DO RECONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia, v. 1, p. 1-20, ago. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Cleia Martins. **A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA E AS GEOGRAFIAS DO ALUNO: POSSIBILIDADES PARA A GEOGRAFIA**. 2014. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

Paulo, FREIRE. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.

DERIVAS, Alass. **Deriva Jornalismo e Fotodocumentarismo**. Disponível em: <https://derivajornalismo.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FALIERI, Cleber. **Pinhole: Manual prático da fotografia estenopeica**. Escola de Belas

Artes, Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG), 1997. Disponível em <<https://www.eba.ufmg.br/cfalieri/index.html>>. Acesso em: 30 abr. de 2021.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2014. 294 p.

JORNALISMO, Deriva. Porto Alegre, 13 dez. 2020. Instagram: derivajornalismo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Clu4CiTBNpp/>. Acesso em: 02 maio 2021.

JUNIOR, Wenceslao Machado de Oliveira; SOARES, Elaine dos Santos. FOTOGRAFIAS DIDÁTICAS E GEOGRAFIA ESCOLAR ENTRE EVIDÊNCIAS E FABULAÇÕES. **Percursos**, Florianópolis, v. 2, n. 13, p. 114-133, dez. 2012.

LOPES, Ana Elisabete; SANDER, Luciana Becker; SOUZA, Solange Jobim e. A Criação de Narrativas na Escola: uma abordagem através da fotografia. In: EVANGELISTA, Aracy (org.). **No fim do século: a diversidade**: o jogo do livro infantil e juvenil. o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 135-160.

MATTOSO, Francinelly Aparecida. DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS E AS EXPERIÊNCIAS DOS JOVENS NA CIDADE DESIGUAL. **Libertas**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p.73-101, jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/index>>. Acesso em: 26 dez. 2019.

MELLO, Eduardo Vieira de. INVISIBILIDADE SOCIAL NO ESPAÇO: uma sugestão temática para a geografia escolar. **Invisibilidade Social no Espaço: Uma Sugestão Temática Para A Geografia Escolar Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 18, p. 148-160, out. 2019.

PERINOTTO, André Riani Costa; COÊLHO, Hemílio Fernandes Campos. Educação e Fotografia: uma análise quantitativa do projeto "olhar socioambiental". **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 22, n. 41, p. 61-81, dez. 2012.

REGO, Nelson; MOLL, Jaqueline; AIGNER, Carlos (org.). **Saberes e Práticas na Construção de Sujeitos e Espaços Sociais**. Porto Alegre: Ufrgs, 2006. 341 p.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ci. Inf., Brasília, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, dez. 2007.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 107-122, dez. 2012.

SECCATTO, Ana Gláucia; NUNES, Flaviana Gasparotti. A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS: DIÁLOGOS SOBRE AS POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA. **Espaço Plural**, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, n. 32, p. 68-99, jun. 2015.

SIQUEIRA, Santiago Alves de. A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A CIDADE: A GEOGRAFIA ESCOLAR, O MÉTODO E O ENSINO DA CIDADE. **Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 343-358, out. 2014.

SILVA, Ailclécia Fernandes; RAMÍREZ, Rosa Cerarols. GEOGRAFIA E IMAGENS FOTOGRÁFICAS: APROXIMAÇÕES ENTRE LINGUAGENS. **Entre-Lugar**, Dourados, v. 1, n. 9, p. 52-67, jan. 2014.

SOUZA, Hanilton Ribeiro de; SOUZA, Luciana Cristina Teixeira de. OUTRO OLHAR SOBRE O LUGAR: manejar as lentes para redescobrir o espaço vivido. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 105-123, jul. 2013.